

FOLGUEDOS MARGINAIS DO RIO GRANDE DO SUL: BUMBA-MEU-BOI

CAROLINA MARTINS PORTELA¹; BELIZA GONZALES ROCHA²; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS³

¹Univerisade Federal de Pelotas – carol.martins.portela@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – beliza.gr@gmail.com

³Univerisade Federal de Pelotas – thiagoufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é apresentar os primeiros resultados das ações desenvolvidas pelo Projeto de Pesquisa Folguedos e Danças Folclóricas Marginais do e no Rio Grande do Sul, que integra o Grupo de Pesquisa Observatório de Culturas Populares da Universidade Federal de Pelotas (CNPq). O projeto objetiva mapear, apresentar e descrever as principais características de diversas manifestações populares, com foco nas danças folclóricas e folguedos encontrados no Estado que estão à margem da cultura dominante e excluídos dos processos de comunicação midiáticos do Rio Grande do Sul. Pois entendemos que estas constituem-se em espaços e linguagens folclóricas representantes da cultura popular do Estado.

Inicialmente realizou-se um alinhamento teórico para dar base à pesquisa, utilizando autores que tratam sobre as manifestações encontradas no Estado, bem como aqueles que tratam acerca do que é considerado a cultura dominante rio-grandense, tais como CÔRTEZ, P. (2006), CÔRTEZ, G. (2000), LESSA (1984), MARQUES (2004), GOLIN (1983) e OLIVEN (2006). Ainda são trabalhados autores que discutem conceitos como a dualidade centro-margem, reflexão central do projeto, onde se destaca o pensamento de PRYSTON (2003) que diz que “a dualidade margens-centro sempre foi um dos principais componentes da identidade periférica” e “a cultura periférica emerge no contemporâneo como instrumento principal da desestabilização do centro”. A partir destas reflexões a cerca do termo margem, o projeto buscou definir qual seria a noção “marginal” entendida e empregada no trabalho de buscas por manifestações folclóricas no Estado. Apoiamo-nos então na ideia de que as manifestações que buscamos resgatar estão para além do que é definido por cultura gaúcha e que se encontram então neste ambiente. Contudo, com o pensamento de Aristóteles, e a margem sendo um lugar que “existe enquanto possibilidade” nos faz perceber que ao valorizar e dar visibilidade a tais manifestações auxiliamos para que esta margem se estabeleça como lugar de potência. Transpondo estas discussões ao nosso objeto de pesquisa, entenderíamos por centro as manifestações vistas como representantes da cultura do Estado, generalizadas como sendo a cultura gaúcha. E a margem, constituída por tudo o que se encontra para além das manifestações mais difundidas ou divulgadas, que corporificam os folguedos e danças folclóricas oriundas de determinadas regiões do Estado.

2. METODOLOGIA

O trabalho realizou um mapeamento inicial das manifestações consideradas marginais, identificando até o presente momento vinte e duas, entre

folguedos (15), danças folclóricas (2) e festas (5). Neste momento, o foco central do projeto encontra-se nas discussões sobre os folguedos. Faz-se então necessário o destaque para a definição de folguedos, que segundo afirma CÔRTEZ, G. (2000)

Folguedos indicam as brincadeiras, sortes, jogos, danças e representações dramáticas e coreográficas, exercendo determinada função na sociedade que se interessa por sua criação e manutenção. O caráter interativo e abrangente do folclore permite a mistura de diversos folguedos, observando-se numa mesma festa diferentes manifestações, como músicas, danças, teatros, credices, superstições, cujos cenários são sempre os locais públicos.

Ainda sobre folguedos, em *A sabedoria popular*, CARNEIRO (2008) salienta que “palavra abarca jogos, autos, danças e cortejos folclóricos” e define-os como “manifestações lúdicas da nossa gente” que possuem um “caráter de legítima expressão do povo”. Sendo assim, as manifestações encontradas ora são vistas espontaneamente no seio do povo, ora são temas projetados pela tradição – profana ou religiosa – que chegaram até nossos dias através da comunicação popular e são desenvolvidas nas sociedades rio-grandenses. No Rio Grande do Sul, assim como em todo o território nacional, os folguedos, as danças e as festas mesclam-se, fazendo com que cada manifestação transite entre eles. Assim, pode-se dizer que uma determinada dança pode estar contida nas atividades de um folguedo, que por sua vez pode vir a acontecer em razão de uma festa pertencente a uma determinada comemoração, seja ela religiosa ou profana.

Os folguedos destacados em nosso mapeamento inicial são: Baile do Candombe, Batuque, Bumba-meu-boi, Carnaval, Cavalhadas, Congadas, Embaixadas, Ensaio de Promessa de Quicumbi, Folia do Divino, Maçambiques, Masquê, Quicumbis, Ternos de Reis, Terno de Santos e Terno de Atiradores do Ano Novo. No momento a fase do projeto em que nos encontramos é a da escolha de algumas destas manifestações populares do estado do Rio Grande do Sul para o aprofundamento teórico das características já diagnosticadas. Cabe-nos aqui descrever o Bumba-meu-boi, manifestação que ainda hoje se mantém presente no Estado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Bumba-meu-boi, também chamado de Boizinho, é uma manifestação popular com características de dança teatral e desfile pelas ruas da cidade. O folguedo é descrito por CÔRTEZ, P. da seguinte forma:

O bumba-meu-boi é uma das danças teatrais mais importantes no Brasil. Resultou de vários fatores simultâneos: antigas festas da Igreja no período medieval europeu, a velha “*commedia dell’arte*” como matriz do teatro popular ocidental, talvez o culto norte-africano ao boi como animal sagrado, etc. O nome “bumba-meu-boi” é mais característico de Pernambuco. Noutros Estados há outras denominações: boi-bumbá no Amazonas, Pará e Maranhão, boi-de-reis no Ceará, boi-calemba no Rio Grande do Norte, reisado em Alagoas, boi-de-mamão em Santa Catarina e boizinho no Rio Grande do Sul. (CÔRTEZ, P., 2006)

No Estado, “as danças teatrais nunca tiveram grande aceitação” (CÔRTEZ, P., 2006), pois as danças de salão, que envolviam também a

participação da mulher eram a preferência popular. Porém, o boizinho conseguiu se destacar e teve participação significativa em algumas cidades do Rio Grande do Sul, ainda hoje algumas mantêm a tradição do desfile do boi por suas ruas. Em Viamão, por exemplo, o folguedo era denominado Boi-tatá, caracterizado pela emissão de luz através dos olhos e boca do animal, a partir de uma lanterna. Em Osório, o boi possuía características semelhantes, sendo chamado de Boi-de-fogo. Ainda com características semelhantes aos bois de Viamão e Osório, também se destacou o boizinho de Santo Antônio da Patrulha.

Na cidade de Vacaria, o auto do boi acontecia no encerramento das comemorações do Dia de Reis, em 06 de janeiro. Era uma festa alegórica, a qual havia ensaios e movimentos prescritos que antecederiam o momento do boi ir para as ruas. O folguedo era um dos mais populares da cidade e quando chegava ao fim havia distribuição de carne aos participantes. A estrutura do boi era feita a partir de sarrafos e varetas que davam origem a sua carcaça, coberta por um pano e tendo em cada uma das duas extremidades presas a cabeça e a cauda. O responsável por manter presente o folguedo do boi em Vacaria era Bernardo Amaro de Souza, também conhecido como Bernardo Fogueteiro; com a ocasião de sua morte, o boi foi gradualmente perdendo força na cidade.

Segundo descreve CÔRTEZ, P. também se encontrou a manifestação do Boizinho em Caxias do Sul, Jaguarão e Passo Fundo. Nestas cidades, a herança do folguedo vem da cultura afro. O boizinho também foi popular na região do litoral norte rio-grandense, era mais dramático e possuía personagens; tinha também a presença do Mestre e Contramestre. Sendo que o primeiro “puxava a cantoria narrando, descrevendo a sequência dos quadros e em certos momentos, orientava as personagens em cena ou requeria a participação do público” (CÔRTEZ, 2006). E Contramestre “cantava em 2ª voz, fazia dueto com o Mestre ou respondia o refrão” (CÔRTEZ, 2006).

Hoje, se tem registros do Bumba-meu-boi na cidade de Encruzilhada do Sul. O folguedo acontece sempre no primeiro sábado após o carnaval. O grupo responsável pela saída do Boizinho às ruas da cidade, outrora foi comandado por Humberto Castro Fossa e Firmino Silveira, já falecidos; desde 2007 o responsável por manter a tradição viva é Diogo Silveira, neto de Firmino. O folguedo de Encruzilhada é herança dos povos açorianos e acontece aproximadamente há 160 anos, diferente de outros lugares, somente um boi sai em desfile pela cidade. Os participantes do Boizinho rezam antes dele sair às ruas, e então ele cumpre um trajeto que vai desde a antiga casa de Seu Firmino (lugar de concentração dos participantes do folguedo) até a praça da cidade, onde o público se encontra para ver e brincar com o boi.

4. CONCLUSÕES

Acreditamos que por se tratar de um tema que corporifica a cultura popular do Estado, devemos cada vez mais aprofundar esta pesquisa, a fim de retratar as manifestações populares que constituem o Rio Grande do Sul como forma de ampliar o acesso e difundir fatos folclóricos do Estado que não estão priorizados pelos diferentes veículos de comunicação. Os próximos passos do projeto se constituirão em pesquisa de campo, onde poderemos obter mais informações sobre as manifestações. Destacamos ainda que os resultados parciais que estão sendo obtidos podem ser visualizados no blog do projeto www.folcloredemargem.blogspot.com.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2ª Ed. Lima, Peru: Editorial Universo, 1977.
- CARNEIRO, E. **A sabedoria popular**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CÔRTEZ, G. P. **Dança, Brasil! Festa e Danças Populares**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.
- CÔRTEZ, J. C. P. **Folclore Gaúcho: festa, bailes, música e religiosidade rural**. Porto Alegre: CORAG, 2006.
- GOLIN, T. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1983.
- LESSA, B. **Rio Grande do Sul, Prazer em conhecê-lo!**. Rio de Janeiro: Globo, 1984.
- MARQUES, L. A. B. et al. **Rio Grande do Sul: Aspectos do Folclore**. Porto Alegre, Martins Livreiro, 2004.
- OLIVEN, R. G. **A parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópoles: Vozes, 2006.

Artigo

- PRYSTHON, A. Margens do Mundo: a periferia nas teorias do contemporâneo. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 1, n. 21, p. 43 – 50, 2003.